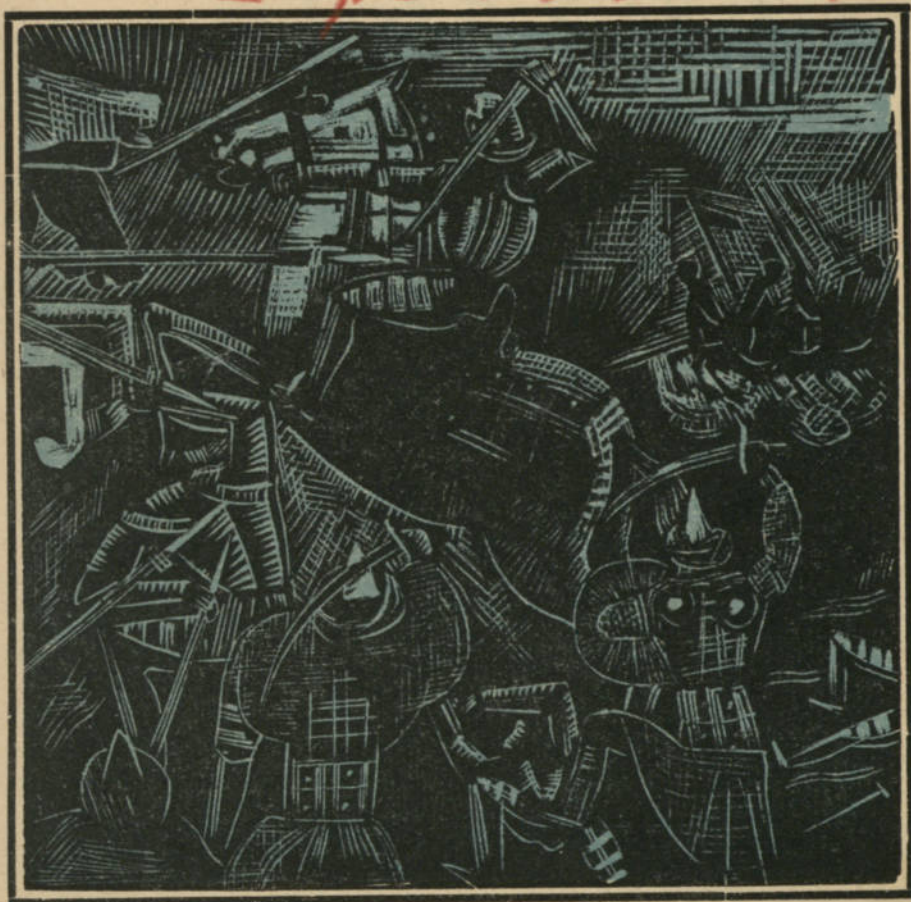


HISTÓRIA
DO REI ENCOBERTO

DEP. LEG



L. 12984 V.



R.154113

COLEÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO TRINTA E QUATRO

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1943



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.ª
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1942

L. 12984-9 ✓

LIVRO TRINTA E QUATRO

HISTÓRIA DO REI ENCOBERTO



No ano de 1567, no mês de Junho, começou em Lisboa a alastrar uma epidemia que se ficou chamando a Grande Peste. Havia apenas seis meses que el-rei Dom Sebastião governava.

Muita gente adoecia; apareciam tumores, inchações, muita febre; e era raro o doente que escapava. Os médicos não encontravam remédio para aquêle mal. Pessoas que pareciam de perfeita saúde e tratavam da sua vida em casa ou na rua, caíam de repente, como se um raio os assombrasse. Morriam daquele mal mais de setecentas pessoas por dia só em Lisboa.

O povo espantado com tão grande desgraça, acreditava fôsse lá em que fôsse; e nessa altura espalhou-se um boato que atemorizou tôda a gente. Há sempre pessoas que não têm que fazer e passam a vida a inventar mentiras para fazerem figura de saber mais que os outros. Esse boato, vindo ninguém sabia de onde, como todos os boatos, dizia que no dia 13 de Julho, duas das colinas mais altas onde assenta a cidade de Lisboa, e o alto de Almada na Outra Banda, caminhariam uns para os outros, enchendo o Tejo dos seus desmoroamentos e produzindo uma inundação que afundaria Lisboa inteira.

Ainda que el-rei e a côrte se deixassem ficar em Lisboa, não dando ouvidos a tais disparates, o povo espavorido espalhou-se pelos campos vizinhos num raio de sete léguas em volta da cidade. Durante dias e dias multidões de gente saíam de Lisboa; era como a corrente de um grande rio que não se podia fazer parar. Muitos dos que estavam resolvidos a ficar, ao ver a ânsia dos que partiam, abalavam também. Levavam consigo tudo que podiam: roupas, valores e até mobília. Os caminhos trasbordavam de carros, carrêtas, cavalos, mulas, burros, tudo carregado. Homens e mulheres, novos e velhos, tudo carregado a mais não poder ser, lá iam... sem saberem para onde, a tremer de medo, para fugir à tal anunciada calamidade.

Tôda esta gente levava consigo a peste para onde ia; e os campos enchiam-se de mortos e a peste alastrava cada vez mais. Os cães vadios desenterravam os cadáveres e o céu andava negro de corvos que acudiam de tôda a parte.

Mas o dia 13 de Julho passou e, já se vê, as colinas não caminharam umas para as outras e Lisboa continuou na mesma e o Tejo não saíu do seu leito. Um lindo dia de verão, a 13 de Julho, espalhou a sua claridade sôbre a cidade deserta.

Os fugitivos caíram então em si e, vendo que não havia razão alguma para fugirem e abandonarem os seus lares, e que o boato não passava de um tecido de mentiras como todos os boatos, enfardelaram os seus haveres e, conforme

puderam, voltaram para as suas casas... os que não tinham morrido pelos campos, que fôra a maior parte dêles.

A fúria da peste aumentou muito mais com o regresso dos fugitivos.

Naquele tempo não havia cemitérios em Portugal. Era nas igrejas, nos claustros, nos adros, que se enterravam os mortos. Mas durante esta peste os defuntos eram tantos que já não havia lugar para êles na terra benta. Também não havia já médicos que fôssem tratar os doentes às suas casas. Os que adoeciam de peste eram levados por frades de várias ordens, com muita caridade, para uns hospitais improvisados onde os tratavam o melhor que podiam. Mas muitos doentes morriam em casa porque a doença era tão rápida que os matava antes de haver tempo para nada.

Também já não havia bastantes coveiros nem carregadores que levassem os caixões, nem carpinteiros que os fizessem. Pelas ruas, às portas das casas, amontoavam-se os defuntos embrulhados nos suários, à espera de quem os levasse a enterrar.

Vendo estas coisas, as autoridades deram ordem de soltar os presos. Que se abrissem as portas das cadeias e viessem cá para fora os criminosos. Teriam a liberdade com a condição de levarem e de enterrarem bem os mortos.

Estes homens, que eram o pior que havia, iam fora da cidade e lá cavavam trincheiras para onde deitavam os defuntos aos cinqüenta e mais em cada cova. Depois cobriam-nos de terra. Mas o trabalho era mal feito; as covas não tinham a fundura precisa. Aquêles coveiros de má morte não tinham escrúpulos. E apenas êles voltavam costas, chegavam milhares de cães vadios e de corvos... e aquilo era a faltar.

Havia famílias por fim que não conseguiam maneira de mandar enterrar os seus mortos; e tinham de os enterrar por suas próprias mãos nos quintais, ou jardins, ou pátios, ou na rua, defronte das suas portas.

Frades de diferentes ordens percorriam as ruas e as casas ajudando quanto podiam a pobre gente. Levavam alimentos e remédios, tratavam dos doentes, ajudavam a bem morrer os que não podiam salvar, e enterravam os mortos. O que os Jesuítas fizeram durante a Grande Peste! O que êles deram, o que ajudaram, o trabalho e a caridade com que acudiam a tantos necessitados! Mas, pela continuação, mesmo os frades e os Jesuítas começaram a rarear, porque a peste levava-os como aos outros, sem querer lá saber se eram bons ou maus.

Havia também muitos fidalgos que acudiam aos doentes e aos pobres naquela grande aflição. Um dêles, homem rico e muito poderoso, bem mostrou então a alma que tinha pois passava o seu tempo a socorrer os que sofriam e a repartir os seus bens com os que precisavam. Chamava-se êle Dom Manuel de Portugal e fôra companheiro de estudos de Luiz de Camões em Coimbra, e depois seu grande amigo nos bons tempos em que êste andava na côrte. Mais tarde, quando começou a desventura de Luiz de Camões e que a sua má cabeça o levou a tantas infelicidades, nunca Dom Manuel o desamparou e nunca aquela fiel amizade deixou de o animar e de lhe valer.

Três anos tinham passado sôbre a Grande Peste e os grandes estragos que tal desgraça fizera ainda se viam por tôda a parte, pois muitas casas estavam desertas e havia falta de braços para tudo.

E um dia alguém bateu à porta da casa de Dom Manuel de Portugal. Era um homem pobrementemente vestido, mas de boa estatura, sêco e rijo, direito que nem um fuso, e tão fidalgo nas maneiras e nas falas, que a-pesar-do modesto vestuário, logo se via que era alguém. Tinha a cara tisonada do sol e do tempo como um marinheiro, e a barba e o cabelo eram ruivos entremeados de cabelos brancos. Tinha um ôlho vasado, mas o que lhe restava era azul e cheio de vida.

Este homem entrou à vontade apenas o criado abriu a porta, atirou o chapéu para cima de uma cadeira e disse:

— Vai dizer ao Senhor Dom Manuel que está aqui um amigo seu que êle não vê há muitos anos.

Mas neste instante Dom Manuel de Portugal descia a escadaria pronto para sair; e o desconhecido avançou para êle com um sorriso.

Dom Manuel parou, olhou um momento para o desconhecido e de repente soltou um grito e correu para êle de braços abertos:

— Luiz! Luiz! Que alegria tão grande! Entra, entra...

— Mas tu ias sair... — disse Camões quando os dois se apartaram depois de um longo abraço.

— Não quero saber de mais nada agora, — respondeu Dom Manuel todo risonho e encantado, — senão de te ver e de te ouvir!

E passando-lhe o braço pelos ombros levou-o para os seus aposentos.

Luiz de Camões chegara nessa manhã a Lisboa vindo de Moçambique de onde uns amigos seus o tinham trazido como já foi contado. Havia dezassete anos que partira de Lisboa e, no correr dêsse tempo, tantas, tantas coisas se tinham passado! Morrera Dom João III e a rainha Dona Catarina e o príncipe herdeiro Dom João que não chegara a ser rei e Dom Sebastião subira ao trono... E morrera Dona Catarina de Ataíde, aquela Natércia tão amada, e Dom António de Noronha, o discípulo tão querido de Camões... E a cidade de Lisboa parecia outra, e a vida era diferente...

Dom Manuel dizia a Camões:

— Fala, fala! Conta-me tudo da tua vida, por onde andaste, que fizeste...

Quantas coisas Camões tinha para contar! Durante dezassete anos percorrera milhares de léguas por terra e por mar. De Lisboa até ao extremo sul da Africa; de Moçambique até Goa; depois os reinos da India e Ras-el-Fil, Ormuz, as Molucas, a China, o Cambadge; e outra vez Malaca, e Goa, e Moçambique... E por fim mais uns poucos de meses no mar, no galeão *Santa Clara* que o trouxera enfim até ao Tejo... E durante essas longas viagens, quantas aventuras, quantos perigos, quantos entusiasmos, quantas esperanças, quantas tristezas, quantas batalhas, quanta gente diferente encontrada em tão longo caminho, quantas lições aprendidas no decorrer de tão incerta vida!

Dom Manuel não se cansava de o ouvir; quis que jantasse na sua companhia; não podia separar-se dêle. Luiz de Camões também não pensava em deixar o seu amigo. Falara, falara durante horas. Agora queria ouvir, queria saber tantas coisas.

Da gente do seu tempo muitos tinham desaparecido, levados uns pelas guerras, em Africa, contra os moiros, outros pela Grande Peste, outros pela velhice... E gente nova tomara o lugar da antiga.

— E el-rei Dom Sebastião? ... — perguntava Camões numa grande ânsia.

— Dom Sebastião! — respondia Dom Manuel. — Luiz, ali está um grande rei!

E não se calava; ia contando o que sabia, o que tinha observado de bem perto, pois era um dos principais senhores da côrte e vira crescer Dom Sebastião dia a dia.

Dom Sebastião, em cujas veias corria o melhor sangue do mundo, pois era neto de Dom João III pelo lado do pai, e neto de Carlos V pelo lado da mãe, nascera dezóito dias depois da morte de seu pai, o príncipe herdeiro Dom João, e subira ao trono com a idade de catorze anos.

— Catorze anos! — exclamava Dom Manuel de Portugal. — Tomaram muitos homens de trinta e de quarenta anos ter a cabeça e o coração que já então essa criança tinha. Cá por mim estou bem certo que desde o nascimento Deus marcou aquêlê príncipe para grandes destinos.

— Como é a sua aparência? Fala-me dêle... — dizia Camões *com os olhos a brilhar de entusiasmo*.

E Dom Manuel ia falando:

— Não é muito alto; mas o seu corpo é tão bem proporcionado e há nêlê qualquer coisa — nem sei o que é — que o faz parecer de maior estatura. A pele é branca e tem o rosto um pouco marcado de bexigas. As feições são regulares e formosas, mas tem uma expressão grave, até severa, que espanta num rapaz tão novo. A expressão de quem pensa muito, de quem pensa constantemente em coisas sérias e profundas. O braço e a perna direitos são mais desenvolvidos que os esquerdos; pouca coisa; quem não souber nem dá por tal. Mas êsse pequeno defeito faz-lhe um andar esquisito, um andar que não é feio, mas diferente do das outras pessoas. Tem o cabelo ruivo e os olhos azues, como tu; e quando se encaram aquêles olhos e aquela testa, vê-se logo que há ali qualquer coisa de muito superior que mete respeito.

— E o que faz êle? O que pensa? — perguntava Camões. — Tu vives na côrte e vê-lo todos os dias. Deves saber.

E Dom Manuel respondia:

— Anda sempre a sonhar sonhos muito grandes... Tenho a certeza que êle sabe que Deus o chamou para altos destinos neste mundo. Nunca o vi divertir-se ou distrair-se com as coisas que interessam os rapazes da sua idade. Não quer saber senão de se preparar para as grandes coisas que adivinha no seu futuro. Com uma constância e uma fôrça de vontade que não são dos seus poucos anos, passa dias inteiros a caçar caça grossa, a monte, sem querer saber de perigos nem de canseiras, a manejar armas, a montar cavalos bravos. Em dias de temporal mete-se num barquito sôzinho e vai para o meio do Tejo a lutar contra correntes e ventanias que metem mêdo a marinheiros experimentados. Assim tem conseguido enrijar o corpo e tornar-se tão forte que, em qualquer luta, vale mais do que homens feitos e exercitados. E não se contenta de enrijar o corpo, mas está sempre a fortalecer o espírito vencendo o mêdo, costumando-se a encarar a morte sem um arrepio, tornando a vontade e a fôrça de ânimo tão rijas e finas que nem lâminas de aço.

Camões escutava, escutava...

— E quais são os seus sonhos? — perguntou êle.

— Ninguém sabe ao certo. Dom Sebastião fala pouco. Lê muito, estuda, chega-se muito a Deus... Mas às vezes comigo e com alguns outros em quem tem inteira confiança, lá descobre um pouco os segredos da sua alma. Sonha... em ir arrasar as muralhas de Constantinopla e esmagar o poderio dos turcos; sonha... em conquistar o Egipto; sonha... — e este é o seu sonho mais recente e mais constante — sonha em estabelecer um poderoso império cristão em Marrocos, à sombra da gloriosa bandeira de Portugal...

Assim os dois grandes amigos conversaram durante horas naquele primeiro encontro. E daí por diante não se passava um só dia em que se não juntassem.

O grande poema de Luiz de Camões *Os Lusíadas* estava pronto. Ali se contam em versos perfeitos e lindos as glórias e maravilhas da história portuguesa que é a mais bela de tôdas as histórias. E tais são êsses versos que a sua fama se espalhou pela terra inteira e ainda hoje Luiz de Camões, o grande poeta português, é conhecido e falado por tôda a parte como um dos maiores poetas que jamais viveram neste mundo.

Durante os últimos tempos que passou na Índia e em Moçambique, Luiz de Camões trabalhara e aperfeiçoara a sua obra. E o último canto desse poema imortal, glorifica el-rei Dom Sebastião, levantando o seu nome e o seu valor até às nuvens, tal era a fé do poeta naquele rei que devia salvar a pátria.

Quando Dom Manuel de Portugal leu *Os Lusíadas* ficou assombrado. Sabia êle bem que homem era Camões e qual o poder e a riqueza daquela cabeça, mas nunca imaginara que êle tivesse escrito uma tamanha maravilha. Cheio de entusiasmo foi contar a el-rei Dom Sebastião a sua admiração dizendo-lhe que Luiz de Camões era o maior poeta que havia no mundo.

Dom Sebastião ficou a pensar no que lhe dissera Dom Manuel, em quem tinha tôda a confiança; e um dia, encontrando-se no palácio de Sintra, mandou chamar Luiz de Camões pedindo-lhe que lhe levasse *Os Lusíadas*.

Grande dia foi êsse para Camões! Talvez o dia mais feliz de tôda a sua vida.

Dia lindo, cheio de sol, naquele terraço forrado de azulejos, num silêncio que só era cortado pelo chilrear dos pássaros na ramaria das árvores e pelas gotas de água dos repuxos caindo nos tanques... Assim, durante muito tempo a voz de Camões recitou o seu imortal poema, e Dom Sebastião, transportado de admiração, escutou, escutou...

Depois de terminado o período heróico da nossa história, quando Portugal, cansado de tamanhos esforços, enfraqueceu e que tantas desgraças vieram abatê-lo, houve certos estrangeiros que, abusando da nossa fraqueza, chamaram a si o fruto do nosso trabalho e sem dificuldade tomaram conta dos mundos que tínhamos descoberto e com nosso sangue conquistado. Era interêsse desses estrangeiros que perdessemos a fé em nós mesmos e esquecêssemos, e o mundo todo esquecesse, o que tínhamos feito. Assim, com muita manha e escondida maldade, foram menosprezando as nossas puras glórias, fazendo pouco de nós e das nossas obras e matando nos nossos corações tudo o que faz a grandeza de um povo. E, o que é bem mais triste ainda, houve portugueses sábios e escritores que se deixaram levar naquela cilada e se fartaram de escrever

dizendo mal dos nossos reis e dos nossos heróis e fazendo pouco das nossas obras e das nossas glórias. Assim se inventaram muitas mentiras; assim se disse que el-rei Dom Sebastião era um doido, assim se disse que Luiz de Camões morrera miseravelmente pedindo esmola pelas ruas.

Agora, louvado seja Deus, chegou o tempo dos portugueses levantarem a cabeça, rirem dos estrangeiros que os queriam amesquinhar para seu proveito, e de acabarem com falsidades.

Dom Sebastião apreciou *Os Lusíadas* como deviam ser apreciados. Ainda não eram passados dezassete meses depois da volta de Camões a Lisboa e já el-rei lhe concedia licença para publicar a sua obra e lhe dava o *privilégio* dela (quero dizer os seus direitos de autor) durante dez anos. Isto foi uma grandíssima alegria para Camões; representava dinheiro que o ajudava a viver e sobretudo um grande e legítimo triunfo.

Não contente com isto, Dom Sebastião assinou pouco depois um decreto concedendo a Luiz de Camões, em recompensa pelos serviços que êle prestara à Pátria no Oriente como soldado, e também pela grande obra que escrevera, uma pensão de *quinze mil réis* por ano.

Quinze mil réis naquele tempo não era o que tal soma hoje representa. O valor do dinheiro e o custo da vida eram tão diferentes do que são hoje, que nem se podem fazer comparações. Basta dizer que havia funcionários ganhando quinze mil réis por ano e sustentando perfeitamente com tal ordenado tãda a sua família. Dona Catarina de Ataíde, muito bem paga como dama da rainha, recebia dez mil réis por ano e isso lhe bastava para se vestir com o luxo que o seu serviço na cõrte demandava. Vasco da Gama, quando descobriu a Índia, teve como prêmio, da mão de el-rei Dom Manuel, trezentos mil réis, que era então uma fortuna.

Portanto Luiz de Camões vivia muito bem com a sua pensão e o *privilégio* da sua obra, e não sofria de miséria nem sequer de pobreza.

Durante perto de dez anos, depois da sua volta, viveu Camões em Lisboa, sem cuidados de dinheiro e não lhe faltando nada.

Assim como Dom Manuel de Portugal, outros amigos de outros tempos lhe abriram os braços. Não lhe faltavam casas de bons fidalgos onde êle era recebido com a amizade e a consideração que merecia.

Na Congregação do Convento de São Domingos encontravam-se muitos frades estudiosos e sábios que acolheram Camões com muita estima e, em pouco tempo, ali criou grandes e fundas amizades que nunca lhe falharam até ao fim da sua vida.

Não era, portanto, nem falta de meios nem falta de amizades e de consideração que atormentavam Luiz de Camões. Já ficou dito que dois grandes e fundos amores dominaram tãda a existência do Poeta: Natércia e a Pátria. Natércia já não era dêste mundo e Camões conformara-se com a idea de um dia se juntar com ela no Céu. Mas o que o atormentava agora era a sorte da Pátria.

El-rei Dom Sebastião absorvia-se cada vez mais no seu grande sonho: a conquista de Marrocos, onde queria estabelecer um grande império cristão. As coisas iam mal em Portugal e êle pensava que aquêle grande impulso no norte

de África daria ao país cansado e doente a fôrça e o ânimo que igual esforço no Oriente lhe dera outrora.

Desde a morte de D. João III, que fôra um grande e bom rei e governara Portugal com muito juízo e sabedoria, tudo parecia arrastar a nossa terra para o desastre. Seu filho, o bom príncipe Dom João, morrera muito novo; e seu neto, D. Sebastião, era ainda uma criancinha quando vagara o trono. De modo que o govêrno passara para as mãos da rainha-viúva Dona Catarina, e depois para as do cardeal Dom Henrique, irmão de D. João III. Tanto a rainha-viúva como o Cardeal, eram velhos e sem fôrça nem capacidade para tão difficil tarefa.

As descobertas e conquistas dos portuguezes em África e no Oriente tinham sido um esforço tamanho e uma obra tão colossal, que o país inteiro soffria agora de ter levado ao fim tal trabalho. A nossa terra na Europa é pequena e naquele tempo havia em Portugal muito menos gente do que nos nossos dias. Dessa gente, a melhor embarcara para África e para o Oriente à procura de glória e de riquezas!

Faltavam braços em Portugal para amanho as terras e para tantos outros serviços precisos. Em muitos campos abandonados, em vez de gados a pastar ou de pão a crescer, havia catervas de lóbos que faziam grandes estragos. O povo das aldeias não tinha que comer e vinha para a cidade pedir esmola. A miséria enfraquecia e matava muita gente. A Grande Peste também levava muitos.

Lá no Oriente havia grandes abusos. Os portuguezes lá já não eram o que tinham sido nos tempos gloriosos de Dom Francisco de Almeida, de Afonso de Albuquerque e de Dom João de Castro. Iam para lá cada vez menos pela glória, cada vez mais com a idea cobiçosa de ganhar riquezas que depois gastavam em Lisboa em luxos e extravagâncias.

El-rei Dom Sebastião via tôdas estas coisas e fazia o que podia para as melhorar. Mas a sua paixão era aquêlê grande império africano que não lhe deixava o pensamento nem de dia nem de noite. Considerava de si para si:

— Quando eu governar milhões de moiros e os converter à divina fé de Jesus Cristo, a Pátria estará salva; Portugal grande e poderoso entrará noutra caminho.

Foi nesta altura que se levantaram discórdias entre dois pretendentes ao trono de Marrocos. Dom Sebastião tomou o partido de um dêles e dispôs-se a ir ajudá-lo com as suas tropas. Parecia-lhe que era uma ocasião que Deus lhe mandava para principiar aquêlê guerra onde, na sua idea, estava a salvação de Portugal.

A idea de Dom Sebastião não era nenhum disparate. Se êle tivesse vencido aquêlê batalha, seria hoje falado como um dos maiores reis de Portugal. Mas os países são como os homens; têm o seu tempo de mocidade, de virilidade e de velhice... E o que aconteceu a Portugal tem acontecido e acontece a todos os outros. Não há nenhum império, por maior, mais poderoso e mais rico que seja, que dure eternamente. Todos envelhecem e morrem a seu tempo, como os homens. E alguns tornam a viver...

Portugal estava sem dinheiro e sem homens. Mas Dom Sebastião consi-

derava que em Aljubarrota também não havia dinheiro nem homens. E conseguiu obter o dinheiro preciso e levantar homens.

Antigos capitães, antigos vice-reis, homens de idade com muita experiência das guerras de África e do Oriente, aconselharam-no a desistir de tão arriscada empresa; fizeram-lhe ver os perigos a que se expunha e expunha o país. Mas Dom Sebastião não quis escutá-los. Estava certo da vitória, certo de ter Deus por si.

À sua volta juntou-se toda a rapaziada fidalga, tão cheia de fé e de entusiasmo como ele. Mandou oficiais pelo reino todo a recrutar soldados e assim juntou nove mil homens. A Espanha mandou-lhe três mil soldados e quinhentos fidalgos com a sua gente de armas; e o Papa, novecentos homens.

Dom Sebastião equipou à sua custa os fidalgos pobres de Portugal; os ricos começaram a chegar a Lisboa acompanhados pela sua gente, muito numerosa e bem armada, e tudo com grande luxo e aparato.

A todas estas tropas se juntariam em África os capitães, cavaleiros e soldados das guarnições portuguesas de Tânger e de Arzila e os moiros do pretendente ao trono de Marrocos, que Dom Sebastião ia ajudar.

Ao todo, o exército de Dom Sebastião compunha-se de uns vinte e quatro mil homens.

Todo o povo português estava do fundo do coração com o seu rei. Todo o povo adorava aquêle rei de vinte e quatro anos, tão bem parecido, tão sério, tão valente. Todos tinham fé nele, todos acreditavam que só ele os salvaria e que ia arriscar a própria vida por amor deles. E ninguém duvidava da vitória porque Deus com certeza o guiava.

Durante as últimas semanas antes da partida, Lisboa transformou-se num enorme arraial e tudo eram festas e alegrias.

Todos os dias havia exercícios de tropas, ataques fingidos; a terra tremia sob as galopadas da cavalaria e o ar enchia-se com o ruído das descargas. Os capitães mais novos, rapaziada valente e alegre, passeavam a pé e a cavalo pelas ruas da cidade vestidos com esplendor; os seus cavalos iam ricamente ajaezados; levavam acompanhamentos vistosos. As senhoras pelas janelas aceonavam-lhes e não faltavam namoricos.

Cada capitão tinha a sua tenda no acampamento; e muitas eram de sêdas de várias côres, sustentadas por estacas doiradas e metiam um vistão.

As senhoras da cidade vinham visitar ao acampamento os maridos, os irmãos, os parentes. Vinham nas suas liteiras ricas, cheias de embutidos, de obra de talha e de doirados, forradas de sêda; e traziam lindos vestidos caros, e jóias de muito valor e os lacaios com librés vistosas e ricas. E então havia festas no acampamento com merendas e ceias em baixelas de prata e ouro e vinhos preciosos e músicas e danças.

O povo acudia de toda a parte a ver estas coisas. Os soldados portugueses e estrangeiros ora se divertiam ora brigavam uns com os outros. O povo misturava-se com eles e todos gozavam tanto como os fidalgos. Havia comer e beber a fartar para toda a gente. Ninguém pensava nos perigos de uma guerra tão incerta. Quem visse a alegria de toda aquela gente cuidaria que se tratava

de qualquer casamento real e não da partida para uma batalha arriscada. Tão certos estavam todos da vitória!

No dia vinte e cinco de Junho do ano de 1578, os oitocentos navios da armada real saíram pela barra do Tejo levando para Marrocos o exército de el-rei Dom Sebastião.

Luiz de Camões quisera alistar-se como soldado e partir com o seu rei para aquela guerra em que tivera também tanta esperança. Mas adoeceu. Nunca até ali estivera doente senão das feridas recebidas em combate. Mas agora era a doença, não sabia que doença; uma fraqueza muito grande e uma falta de vontade fôsse para o que fôsse. Viera-lhe aquilo a pouco e pouco e deixara-se ir, sem ânimo de sacudir a doença. Parecia-lhe que, a-pesar-de não ser ainda um velho (pois só tinha cinqüenta e três anos) a sua existência estava acabada; perdera o gosto de viver. Amara tanto Natércia, e Natércia morrera; trabalhara tanto nos *Lusíadas*—e *Os Lusíadas* estavam publicados; combatera em tantas batalhas e navegara sobre tantos mares e servira a sua terra durante anos e anos, e agora já não prestava para nada. A Pátria não precisava d'êle.

Desde que chegara a Portugal, a sua grande esperança num renascimento da sua Pátria tinha esmorecido. Conhecia a guerra em África e não lhe parecia possível a vitória lá daquele exército alegre e descuidado que agora partia. Entristecido e desanimado com o que vira na Índia, julgara que em Portugal encontraria outra gente. Mas alguns anos passados em Lisboa tinham-lhe tirado tôdas as esperanças. Quando a doença veio não a sacudiu. Custava-lhe a andar e tudo o cansava e nada lhe dava alegria. Começou a esperar a morte com desejo de a ver chegar, como quem está preso e espera que lhe abram a porta da prisão.

Sentado num murozito que domina o rio, Camões viu a armada real levantar ferro e seguir para o mar. Os oitocentos navios com as velas enfunadas pareciam um bando de gaivotas que levassem nas asas a cruz de Cristo pintada. Ao longo das margens do Tejo, pelas praias e cais, apinhava-se o povo em grande gritaria, agitando barrêtes e lenços, todos alegres, como se a armada partisse para uma festa...

— Adeus! Adeus! Boa viagem!

Depois veio o pôr do sol e a última vela desapareceu na barra. O povo começou a debandar, de-repente calado e cismático, como se um encantamento se tivesse quebrado.

Camões levantou-se cheio de tristeza. Tinha no coração um pressentimento de desastre. Ali ficou muito tempo esquecido a olhar para o céu que escurecia e para o rio que a pouco e pouco se ia tornando côr de cinzas...

Quando D. Sebastião chegou a África, reuniu o seu Conselho para combinarem o plano de batalha.

Os capitães mais velhos, ajuizados e com experiência de tais guerras, aconselharam el-rei a não se internar por aquela terra de moiros, a não perder ligação com a armada a-fim-de salvaguardar uma retirada, a esperar as forças inimigas e a dar-lhes batalha perto da costa.

Mas Dom Sebastião impacientou-se e respondeu que não queria esperar. Entendia que deviam internar-se sem demora, marchar afoitamente à procura do inimigo por aquela terra dentro que bem depressa ia ser o seu império. Não tinha medo. Medo de quê? Pois não viam que Deus estava com êle e que a vitória era certa?

Os seus conselheiros fizeram quanto puderam para o dissuadir de coisa tão perigosa, mas não conseguiram convencê-lo. El-rei principiou por troçar dêles e por fim zangou-se e acusou-os de cobardia. A sua certeza era tamanha e tão grandes a sua coragem e a sua alegria, que afinal todos se deixaram levar por aquela fé.

O exército pôs-se em marcha. Durante sete dias e sete noites avançou para o interior daquela África tão cheia de mistério e de ciladas. Só paravam pouco tempo para descansar e comer. Só o que não podia deixar de ser. Tinham que encontrar o inimigo e vencê-lo sem demora, porque as tropas iam já cansadas daquela marcha sem fim, através de terras áridas e desertas, e já não havia víveres que chegassem para a volta. Não se podia já voltar para trás; só para diante, para diante...

Os moiros escondiam-se, espreitavam o exército em marcha, viam como os homens iam já estafados e desanimados. Tudo ali era desconhecido para as tropas cristãs; mas os moiros estavam na sua terra e conheciam cada curva do terreno como as palmas das suas mãos. Apareciam às vezes a cavalo no alto de um outeiro e, de repente desapareciam como se a terra os engolisse. Quando os nossos lá chegavam, cuidando encontrar o inimigo, olhavam em volta e só viam a terra deserta. Assim os moiros os iam expiando e cansando e desanimando...

Dom Sebastião não esmorecia. A sua fé era a mesma. Corria o seu exército, sem mostrar cansaço nem desconfiança, animando todos, alegrando os seus homens com a firmeza da sua fé na vitória.

Ao fim de sete dias, perto de Alcácer-Quibir, surgiram de repente os moiros. Eram tão numerosos que pareciam uma nuvem espalhada sôbre aquêlo deserto de areias.

— Louvado seja Deus! — disseram os cristãos sem pensarem sequer na desproporção enorme do número e das forças, tão ansiosos iam por se bater, por interromper aquêla marcha que parecia nunca mais acabar.

Num arranco furioso os cavaleiros portugueses equipados e escolhidos com tanto amor por Dom Sebastião e aos quais tinham dado o nome de *Aventureiros*, atiraram-se numa carga magnífica contra os moiros. A sua bravura, o seu desprezo pelo perigo e pela morte, e a valentia extraordinária do seu impulso foram tais, que os inimigos — apesar do seu número ser infinitamente maior — apanhados de surpresa e espantados de tal atrevimento, recuaram em confusão e muitos ali encontraram a morte.

Infelizmente êste milagroso triunfo não durou muito. Como havia de durar? Os moiros eram tantos que nem um exército dez vezes maior que o de Dom Sebastião, poderia vencê-los. E estavam na sua terra que conheciam bem, e vinham frescos, descansados, bem montados, bem alimentados, enquanto os nossos traziam uma marcha de sete dias quási sem descanso e com falta já de alimentos.

Os valentíssimos cavaleiros portugueses, os heróicos *Aventureiros* de Dom Sebastião, embriagados com aquela vitória do seu primeiro e espantoso arranco, não se detiveram. Desprezando o movimento dos moiros que, tendo caído em si, principiavam já a envolvê-los, continuavam a avançar como raios pelas fileiras inimigas, semeando a morte à sua volta. Mas os moiros agora, tendo visto o pequeno número dos nossos, perderam o medo do primeiro momento. Não só o esquadrão dos *Aventureiros*, mas todo o exército cristão se viu em breve cercado por tôda a parte. E a multidão dos inimigos era tanta que até parecia que os grãos de areia se mudavam em moiros.

Os cristãos batiam-se com a fúria do desespero. Fugia-lhes a esperança; viam que a salvação era impossível; mas ninguém pensava em se render e cada um só cuidava em vender a vida o mais caro que pudesse. Os moiros caíam mortos e feridos sob os golpes desesperados dos cristãos e espantavam-se de tal resistência.

El-rei, coberto de sangue e de pó, combatia como um leão. Tais foram as suas espantosas proezas, que as suas fôrças e a sua coragem chegavam a não parecer dêste mundo. Sabia agora que tudo estava perdido, sabia que se enganara, sabia que a sua esplêndida certeza não passara de um sonho.

O duque de Aveiro, encontrando-se perto dêle, perguntou-lhe:

— Que nos resta fazer agora, meu Senhor?

Sem parar o combate, acenando terríveis golpes à direita e à esquerda, Dom Sebastião gritou-lhe:

— Morrer!

— Morrer?!... — exclamou o duque espantado.

E el-rei tornou:

— Sim. Mas devagar.

— Não haverá outro remédio?

E a voz firme de Dom Sebastião, respondeu:

— O Céu!

E nisto, um turbilhão de moiros veio sôbre êles, separou-os e Dom Sebastião à espadeirada nos infieis, tão rijo e tão rápido como na primeira hora, atirou-se ao mais encarniçado da batalha.

Entre a multidão enorme dos moiros, agitada como um mar de tempestade, ainda se viu durante muito tempo a figura espantosa e tão linda de el-rei Dom Sebastião, de pé nos estribos, escorrendo sangue, ferindo e matando à sua volta, semelhante a um arcanjo exterminador que o cansaço e a morte não pudessem vencer...

E, de repente, desapareceu. Ninguém o viu mais. Ninguém o tornou mais a ver, nem vivo nem morto.

No campo de batalha a confusão era enorme. Um dos raros portugueses que escaparam com vida a tal desastre, descreveu depois o que se passou:

— ... só gritos e gemidos, mortos derrubados por cima de vivos, e vivos por cima de mortos, corpos em pedaços... Moiros e cristãos abraçados, chorando e morrendo juntos sôbre os canhões, por debaixo dos cavalos, ou ainda a cavalo, as entranhas de fora, as carnes arrancadas, desfaceladas... e muitas

outras coisas que não posso dizer, porque a lembrança de quanto sofri naquele dia me tolhe...

Assim acabou neste imenso desastre o período heróico da história de Portugal.

Subiu depois ao trono deixado vazio por Dom Sebastião, o último rei da gloriosa dinastia de Aviz. Era o tio-avô de Dom Sebastião, o velho e doente cardeal Dom Henrique. Este pobre velho, que mal podia já consigo, quanto mais com o governo, era o único herdeiro da coroa de Portugal. Não havia mais ninguém.

Cinco pretendentes a essa coroa, esperavam a morte do cardeal-rei, para fazerem valer os seus direitos. Não esperaram muito tempo. O mais poderoso destes cinco pretendentes era o rei de Espanha, Filipe II, neto, pela sua mãe, de el-rei Dom Manuel I de Portugal.

Portugal agonizava. A população tinha diminuído tanto que nem chegava a um milhão de almas. Durante este ano desgraçado o trigo que vinha do estrangeiro não chegou a nada, por causa da seca que houve em toda a Europa. A peste, passando pela Alemanha, pela Inglaterra, pela Itália e pela França, entrou em Espanha e em Portugal. Tudo que havia de melhor na nossa terra, fôra para África ou para o Oriente, morrera nas guerras; dos que ficaram, muitos foram levados pelas pestes, ou pela fome, ou desapareceram em Alcácer-Quibir.

Ao fim de ano e meio de reinado, morria o cardeal Dom Henrique; e os espanhóis, forçando a resistência que, a-pesar-de tudo, os portugueses ainda lhes opuseram, foram invadindo Portugal.

A doença de Luiz de Camões agravara-se muito desde a derrota de Alcácer-Quibir. Agora só podia andar apoiado em muletas. Sofria tanto no seu coração, que a vida já não o prendia.

A peste aumentava em Lisboa. Em breve, como no tempo da Grande Peste, deixaram de haver médicos que tratassem dos doentes nas suas casas. Quem adoecia era logo transportado para os hospitais provisórios organizados pelos frades e pelos fidalgos, quer os doentes fôsem pobres ou ricos, pois não havia outra maneira de os tratar.

Assim, quando a peste entrou na casa de Camões, levaram-no para um desses hospitais. Já no seu leito de morte, Luiz de Camões escreveu a um amigo a despedir-se:

— ...acabarei breve os meus dias; e toda a gente verá quanto amei a minha Pátria, pois não me contentei de vir morrer no seu solo, mas *morri com ela*...

Nesse hospital morreu Luiz de Camões, da peste, no dia dez de Junho desse ano terrível de 1580. Tinha então cinquenta e cinco anos.

Quando ele entregou a sua grande alma a Deus, já não havia maneira de se obter um caixão para ninguém. Dom Manuel de Portugal, aquêlê amigo fiel, mandou aos frades que cuidavam de Camões, um lençol de linho para o amortaharem. E o corpo do Poeta foi sepultado no carneiro da pequena igreja de Santa Ana, juntamente com outros mortos, porque naquele tempo de peste já

era grande coisa, quer para pobres como para ricos, arranjar-se uma sepultura em terra benta.

Perto de duzentos anos depois, essa igreja foi completamente arrasada pelo terramoto que devastou Lisboa em 1755. E os que a tornaram a construir, vinte anos depois, não pensaram na sepultura de Camões, pois nem sequer sabiam onde jaziam seus ossos. Só um século mais tarde, alguns sábios portugueses descobriram nuns velhos documentos o sítio onde fôra sepultado o maior poeta de Portugal. Fizeram-se então escavações no chão da igreja de Santa Ana e ali se acharam muitas ossadas já quási reduzidas a pó. Esses restos foram recolhidos com todo o cuidado *porque entre elles deviam estar as cinzas de Camões*. E são êsses restos que hoje se encontram no túmulo de Luiz de Camões, na igreja dos Jerónimos, em Belém.

Muito, muito tempo depois da batalha de Alcácer-Quibir, os moiros venderam às autoridades portuguesas em Ceuta uma ossada que asseguraram ser a de el-rei Dom Sebastião; e é essa ossada que se encontra também na igreja dos Jerónimos.

Mas o povo não acreditou que êsses fôssem os restos de Dom Sebastião. Ninguém o vira morrer; e o povo, que lhe tinha muito amor e nêle depositara a sua fé e tôdas as suas esperanças, não queria acreditar que êle tivesse partido dêste mundo. Cuidava que êle se escondia e trabalhava para libertar a sua terra do jugo espanhol. Chamava-lhe *O Encoberto*. Dizia que Dom Sebastião havia de voltar, que entraria pela barra do Tejo numa manhã de nevoeiro.

Durante anos, durante séculos, houve muita gente em Portugal que, na sua desgraça e na sua agonia, esperou fielmente a chegada milagrosa de el-rei Dom Sebastião, que havia de vir salvar o seu povo.

A SEGUIR:

A HISTÓRIA MAIS TRISTE DE TODAS

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
Pamela Boden ilustrou;
O S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.

